

Comunicação através da Arte e a formação de competências socioemocionais da Educação Básica

Comunicación a través del Arte y la formación de competencias socioemocionales en la Educación Básica

Communication through Art and the development of socio-emotional skills in Basic Education

Paulo Renan de Oliveira Santos¹

DOI 10.70678/sala8.v1i10.1521

Artigo Científico

Linha de Pesquisa: Prática pedagógica, currículo e formação de professores

RESUMO

Considerando a necessidade de construção de competências socioemocionais, requisitada pelos documentos norteadores da educação básica hoje vigentes e a falta de profissionais especializados para tal no contexto escolar, mais precisamente o profissional psicólogo, este trabalho detalha uma atividade realizada com 27 alunos do ensino fundamental em uma escola privada localizada em Campina Grande-PB, que objetivou motivar os alunos a comunicarem seus sentimentos através do desenho. Os estudantes participaram de uma roda de diálogo sobre os resultados obtidos no primeiro bimestre do ano letivo de 2025 e foram expostos a questionamentos que os induziu a reflexões pessoais e autocríticas. Estes questionamentos foram respondidos pelos alunos através de desenhos que serviram como ferramenta de comunicação e expressão. A interpretação destes desenhos permitiu identificar as dificuldades dos alunos, suas motivações e desejos pessoais. A dinâmica em questão favoreceu ainda a observação das habilidades dos alunos participantes, o contorno da timidez e o fortalecimento das relações interpessoais no ambiente escolar, colocando o professor na posição de ouvinte e dando oportunidade dos alunos explorem suas questões individuais através da arte.

Palavras-chave: Desenho; Ensino; Competências socioemocionais.

ABSTRACT

¹ Mestrando em Química pelo PPGQ-UEPB, Pós-graduando em nível de Especialização em Química Forense pela Facuminas-EAD. Possui formação em Licenciatura Plena em Química pela UEPB e atua como professor na rede privada de Educação Básica no município de Campina Grande-PB. email:paulorenandeoliveirasantos@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-2603-1110>. Este trabalho foi apresentado no IV Congresso Internacional em Políticas, Práticas e Gestão da Educação.

Considering the need to develop socio-emotional skills, as required by the current guiding documents for basic education, and the lack of professionals specialized in this area within the school context, specifically psychologists, this study describes an activity carried out with 27 elementary school students at a private school in Campina Grande, PB. The activity aimed to motivate students to communicate their feelings through drawing. The students took part in a discussion circle about the results obtained during the first bimester of the 2025 school year and were presented with questions that encouraged personal reflection and self-criticism. These questions were answered by the students through drawings, which served as tools for communication and expression. The interpretation of these drawings made it possible to identify students' difficulties, motivations, and personal aspirations. This dynamic also encouraged the observation of students' skills, helped them overcome shyness, and strengthened interpersonal relationships within the school environment, placing the teacher in the role of listener and giving students the opportunity to express their individual concerns through art.

Keywords: Drawing; Teaching; Social-emotional skills.

RESUMEN

Considerando la necesidad de desarrollar competencias socioemocionales, solicitada por los documentos orientadores de la educación básica actualmente vigentes, y la falta de profesionales especializados para ello en el contexto escolar, más precisamente el psicólogo, este trabajo detalla una actividad realizada con 27 alumnos de educación primaria en una escuela privada ubicada en Campina Grande-PB, cuyo objetivo fue motivar a los estudiantes a comunicar sus sentimientos a través del dibujo. Los estudiantes participaron en un círculo de diálogo sobre los resultados obtenidos en el primer bimestre del año lectivo 2025 y fueron expuestos a preguntas que los indujeron a reflexiones personales y autocríticas. Estas preguntas fueron respondidas por los alumnos mediante dibujos que sirvieron como herramienta de comunicación y expresión. La interpretación de estos dibujos permitió identificar las dificultades de los estudiantes, sus motivaciones y deseos personales. La dinámica en cuestión también favoreció la observación de las habilidades de los alumnos participantes, el manejo de la timidez y el fortalecimiento de las relaciones interpersonales en el ambiente escolar, colocando al profesor en el papel de oyente y brindando a los estudiantes la oportunidad de exponer sus inquietudes individuales a través del arte.

Palabras clave: Dibujo; Enseñanza; Competencias socioemocionales.

1 Introdução

Nos últimos anos, com o desenrolar das discussões acerca do novo ensino médio, da propagação do ensino em tempo integral e da necessidade de reformulação da educação brasileira, sobretudo a educação básica que compreende desde a educação infantil até o ensino médio e que segundo a Lei de diretrizes e bases da educação - LDB (9394/96) é dever do estado, aprofundou-se neste contexto os debates sobre a inclusão do desenvolvimento de competências socioemocionais na educação básica a partir da BNCC que define competência como:

A mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. (Brasil, 2017. p.8)

Esta temática tem sido apontada como uma necessidade para garantir o sucesso individual dos educandos (Silva, 2022) e gera discussões entre educadores e psicólogos, uma vez que a estipulação da necessidade de desenvolvimento destas habilidades e competências surge em um cenário onde a maioria das instituições de ensino não dispõem da presença de um profissional psicólogo conforme apontam Nascimento e Aquino (2025), somada a falta de formação continuada de professores para tal. Nesse sentido, Silva (2022) destaca que:

Quem defende essas ideias considera que a escola, desde o seu surgimento, tem se preocupado apenas com o desenvolvimento intelectual de alunas e alunos, sem se importar com o seu desenvolvimento afetivo-emocional, causando prejuízos a todas e a todos. (Silva, 2022. p. 1)

Na prática pedagógica, a relação entre professores e alunos não pode ser desumanizada e por mais que os professores não estejam aptos nem dominem as ferramentas para o exercício da psicologia, não podem negar-se a ouvir os seus alunos, e entender que o processo de ensino-aprendizagem é formado por pessoas é crucial para que a construção do conhecimento se efetive de forma significativa. O hábito de questionar-se e a procura pela compreensão das dificuldades enfrentadas pelos educandos deve ser inerente a prática docente e fazer parte da sua rotina de autoavaliação; Sobre isso, Ribeiro *et al.* (2014) relata:

Como professores, nos pegamos, às vezes, tentando entender porque nossos alunos apresentam algumas dificuldades, em conteúdos trabalhados várias vezes, até mesmo de formas distintas. Como entender porque um aluno que é apresentado a situações que contenham frações, por exemplo, durante anos de sua vida, e mesmo assim, não consegue entender? (Ribeiro *et. al.*, 2014. p. 1)

Não obstante, Mello e Rubio (2013) concluem em seu estudo que a afetividade deve permear o processo educacional, uma vez que, segundo estes autores, isso facilita o desenvolvimento da aprendizagem da criança. Contudo, é indispensável salientar que ao incumbir ao docente essa obrigação, isso se torna mais uma dentre tantas responsabilidades que tornam a prática pedagógica exaustiva e colocam o profissional

da educação em uma posição de agente que precisa apoiar os seus 'dependentes', ao mesmo passo que desconsidera sua necessidade de também ser ouvido e ajudado.

Levando em consideração o que foi posto e tendo em vista que os alunos das séries finais do ensino fundamental são muitas vezes vistos como sujeitos passivos e infelizes, conforme observado por Montezi et. al (2011) em sua pesquisa, este trabalho destrincha as observações feitas na execução de uma atividade que objetivou motivar os alunos a comunicarem seus incômodos através de desenhos, contornando a timidez e a dificuldade de se expressar enfrentada por muitos.

2 O desenho como forma de expressão

De acordo com Silva e Bueno (2018) o desenho tem a mesma importância que a escrita, porque através dele o indivíduo expressa o que sente e a forma que enxerga o mundo e ainda se torna relevante para se analisar comportamentos, sejam estes positivos ou negativos. Já Sarmiento (2011) destaca que, para as crianças, o desenho precede a comunicação escrita e que se insere entre as mais importantes formas de expressão simbólica. Assarian (2023) também corrobora com essa linha de pensamento e afirma que no papel o indivíduo consegue transpor ideias, sentimentos e experiências e a partir disso é induzido à auto expressão e a imaginação.

Mesmo existindo o consenso que o desenho pode ser não apenas uma forma de comunicação, mas também uma atividade de lazer ou um *hobby*, é comum, infelizmente, que na etapa da adolescência perca-se o hábito de ilustração, perda muitas vezes motivada pela própria escola. Costa (2021) aponta que há problemáticas no próprio ensino de Arte que conduzem ao abandono do desenho e que isso representa a estagnação de uma linguagem vasta em possibilidades criativas, experimentais e expressivas. Sobre este cenário, Silva (2013) infere:

A exigência do domínio da expressão escrita e da habilidade matemática torna-se crescentemente prioritária conforme vai avançando a escolaridade. Os estudantes desenhavam cada vez menos na escola, que deveria ser o espaço por excelência onde os alunos poderiam adquirir instruções específicas sobre as convenções do desenho. (Silva, 2013. p. 68)

Em contrapartida Santos *et al.* (2024) frisa que é importante que os educadores percebam o desenho não como meros rabiscos, mas uma fonte de desenvolvimento do indivíduo. Não obstante, é válido salientar que o uso do desenho em sala de aula tem valor como atividade alternativa, mas não serve para diagnosticar nem permite inferências limitadas à sua avaliação. O professor não substitui a clínica de psicologia e o uso da arte também não deve ser o único recurso a que se deve recorrer na tentativa de permitir que os alunos expressem seus sentimentos e emoções.

3 A adolescência e a transição para os anos finais do Ensino Fundamental

Há de se considerar que no percurso dos anos finais do ensino fundamental os alunos passam por um misto de emoções, novidades e mudanças que exigem um esforço significativo para a adaptação, essa transição dos anos iniciais para os anos finais pode ser entendida segundo Correia e Pinto (2008) como um período de crise na vida dos estudantes que por ela passam.

Como implicação direta destes fatos, Reis e Nogueira (2021) destacam que maiores dificuldades em algumas disciplinas e resultados abaixo da média são esperados, considerando que não somente é uma mudança de rotina com alterações de humor (Paula *et al.* 2018), mas também uma fase repleta de novos desafios, novos métodos, novas pessoas e novos espaços. Nesse sentido Tavares (2024) enfatiza que esse processo envolve fatores e consequências não só individuais, mas também coletivos.

Seguindo estes apontamentos e considerando que nesta fase o aluno necessita do apoio do professor, da escola e da família (Ribeiro *et al.* 2018) cabe aos agentes envolvidos no processo educacional a promoção e elaboração de atividades e mecanismos visando mitigar estes impactos na vivência dos alunos e conseqüentemente na sua autoestima.

4 Materiais e métodos

Esta prática foi realizada em uma escola da rede privada de ensino localizada na cidade de Campina Grande-PB, o público alvo foram 27 alunos regularmente matriculados nas séries finais do ensino fundamental com idade entre 11 e 15 anos. A atividade foi executada no contexto da disciplina de ciências em um momento de

encerramento da primeira etapa do ano letivo, em uma roda de diálogo sobre os resultados obtidos durante o primeiro bimestre.

Os alunos participantes foram expostos a perguntas sobre as possíveis causas dos resultados abaixo da média e quais os mecanismos necessários para melhoria contínua nos próximos bimestres. Na mesma oportunidade os alunos puderam compartilhar suas inseguranças, medos e receios que lhes incomodam, bem como suas características e habilidades que julgam positivas para sua vivência em sociedade e para sua individualidade enquanto ser humano.

Para execução da atividade foram colocadas algumas perguntas (representadas no quadro 1) no quadro branco e foram deixados papéis e lápis de cor à disposição dos alunos para que ilustrassem suas respostas através de desenho(s). Ao final dos encontros as rodas de diálogo foram fechadas questionando-se qual das perguntas foi a mais difícil de responder.

Quadro 01: Perguntas norteadoras.

(Quem sou eu)
O que eu gosto em mim?
O que me deixa triste?
O que me deixa feliz?
O que eu preciso melhorar?
Quando me olho no espelho, eu vejo...
Meu sonho é:

Fonte: Do autor, 2025

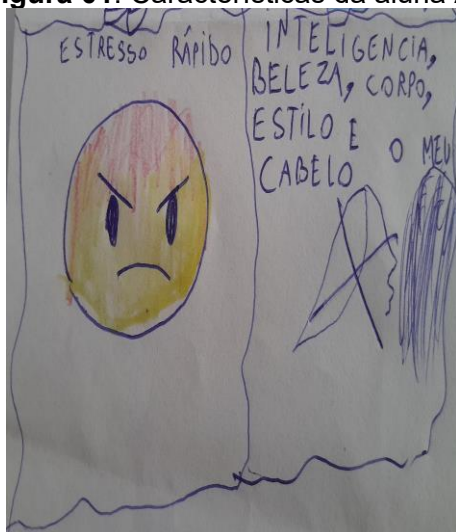
5 Resultados e discussões

A princípio faz-se importante destacar o potencial motivador de atividades como esta aqui explorada, uma vez que rompe com a rotina monótona e com as tendências pedagógicas tradicionais. Assim como observado por Assarian (2023), este trabalho também culminou em um engajamento significativo dos estudantes

participantes e por mais que tenham surgido comentários sobre ‘não saber desenhar’, todos os presentes participaram da dinâmica e concluíram a atividade proposta, não se esquivando das discussões que foram geradas. Este é um ponto muito positivo, pois trata-se da promoção da interação dos alunos com o professor, com seus colegas e com o próprio ambiente escolar, o que se relaciona com as afirmações de Fukuda et. al (2012) sobre o desenvolvimento do jovem a partir da interação com o ambiente e seu conhecimento sobre a importância desta interação para seu próprio desenvolvimento.

Os questionamentos sobre as características pessoais que agradam os alunos, a visão no espelho e os pontos de melhorias demandaram mais tempo para resposta e os alunos alegaram maior dificuldade em identificar quais seriam as características em questão. Estas observações e os desenhos elaborados permitem ratificar o que fora apontado por Antunes *et al.* (2006), ao afirmar que na adolescência a autoestima parece sofrer uma quebra. Nesta perspectiva, Trávez-cando *et al.* (2024) destaca que a construção da autoestima na adolescência é afetada não só por fatores do seio familiar, mas também educativo e social. Outrossim, Rocha e Sales (2020) atestam que a autoestima é considerada um fator importante para a promoção da saúde mental em todas as etapas da vida. Os desenhos dos educandos participantes evidenciaram insegurança com a aparência física e temperamento, como retratam as figuras 01 e 02:

Figura 01: Características da aluna A



Fonte: Desenho elaborado pela aluna A

Figura 02: Características da aluna B



Fonte: Desenho elaborado pela aluna B

Um fato que desperta a atenção é o surgimento de elementos e pictogramas hoje muito utilizados nas redes sociais, conhecidos como emojis. É possível perceber que em alguns dos desenhos foram utilizadas estas figuras para representar sentimentos como o estresse, tristeza, alegria e força. Para Moro (2016), cada pessoa pode fazer uma significação tanto pessoal quanto geral de um simples ícone de uma interface, essa significação depende de sua origem e traduz sua cultura, percepções de seu povo e preceitos pessoais.

O aparecimento dos emojis no papel exprimem a imersão dos adolescentes nas redes sociais e o hábito de resumir suas respostas e sentimentos em diálogos virtuais a simples figuras amarelas. É justamente neste contexto que surge no Brasil a proibição de aparelhos celulares no ambiente escolar pela lei 15.100/2025, seguindo o exemplo de diversos países e sustentando-se em estudos que evidenciam o prejuízo causado no desenvolvimento de crianças e adolescentes pelo uso precoce de telas e redes sociais.

Um dos alunos possui diagnóstico de autismo e ao participar da dinâmica decidiu focar na segunda pergunta, relatando a perda de dois animais de estimação em um desenho com traços infantis, mas que retratam as características previamente descritas pelo aluno de que seria um cachorro branco chamado Lipe e um gato com manchas pretas que se chamava Panda conforme mostra a figura 03:

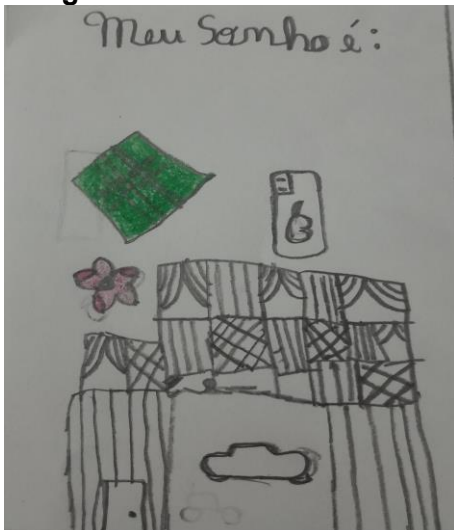
Figura 03: O que te deixa triste?



Fonte: Desenho elaborado pelo aluno C

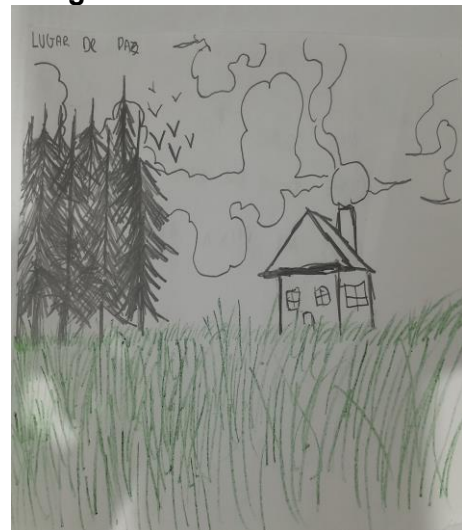
A pergunta sobre o sonho dos alunos foi utilizada, a princípio, como recurso para entendimento do que motiva os alunos e também por considerar a escola como espaço de construção da subjetividade e por conseguinte, de construção também do projeto de vida assim como aponta Marcelino et. al (2009). Diante deste questionamento, observou-se que boa parte dos alunos expressou o desejo de adquirir bens materiais como a casa, o celular da *Apple* e o lugar de paz representados nas figuras 04 e 05, ou viagens e mudança para outros lugares como evidenciam as figuras 06 e 07.

Figura 04: Sonho da aluna D



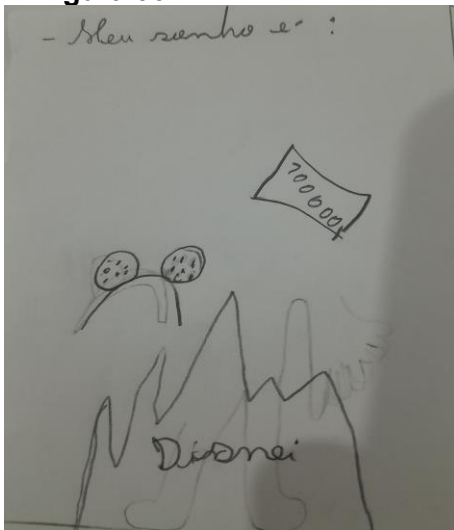
Fonte: Desenho elaborado pela aluna D

Figura 05: Sonho do Aluno E



Fonte: Desenho elaborado pelo aluno E

Figura 06: Sonho da aluna F



Fonte: Desenho elaborado pela aluna F

Figura 07: Sonho da aluna G



Fonte: Desenho elaborado pela aluna G

Conhecendo o contexto social dos alunos é possível inferir que para alguns estes sonhos se tornam distantes em razão das condições financeiras da família e algumas vezes surgem da troca com colegas favorecidos socialmente, que ao exibirem seus bens e feitos adquiridos despertam nos outros o desejo de também possuir.

Nesse sentido, os apontamentos de Marcelino et. al (2009) ao dizer que o alcance do que se projetou e o ‘ser alguém’ está condicionado ao sucesso nos estudos na visão dos adolescentes, e as inferências de Nascimento (2006) ao dizer que o mundo adulto é tipificado pela vida produtiva, sendo o trabalho, para os adolescentes, o símbolo da autonomia e de uma visão diferenciada de si, bem como as ponderações de Antunes et. al (2006) ao frisar que para a maioria dos adolescentes, ter sucesso na escola é uma questão não só pessoal, mas que diz respeito também a família como forma de manutenção de estatuto familiar ou de ascensão e mobilidade social, corroboram com o que foi observado nos desenhos de alunos que ilustraram como sonho a formação acadêmica e o exercício de profissões que, no contexto atual, são glamourizadas por terem melhor retorno financeiro, como mostram as figuras 08 e 09.

Figura 08: Sonho da aluna H



Fonte: Desenho elaborado pela aluna H

Figura 09: Sonho do aluno I



Fonte: Desenho elaborado pelo aluno I

Com este trabalho foi possível atestar também as teorias consolidadas na literatura e difundidas por diferentes autores, explorados em diferentes trabalhos como o de Santos et al. (2024) sobre a evolução do desenho em diferentes estágios do desenvolvimento da criança. Foi possível observar que os alunos recém chegados aos

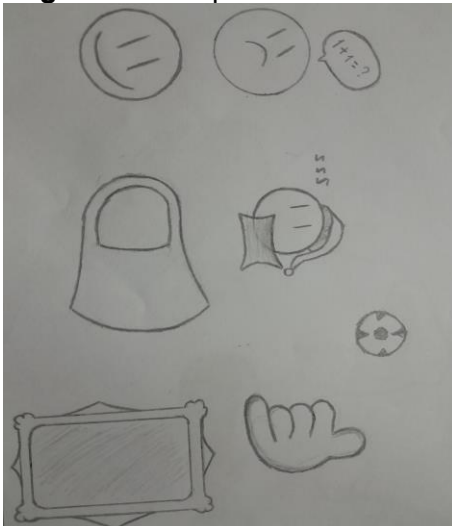
anos finais do ensino fundamental ainda produzem desenhos pouco realistas e com traços tortos ou pouco organizados que dão formas às coisas que se pretende desenhar, enquanto os alunos concluintes dessa etapa produzem desenhos com maior riqueza de detalhes e traços mais elaborados, se preocupam com a combinação das cores e dão às figuras humanas características sexuais mais visíveis, pode se estabelecer essa comparação entre as figuras já apresentadas com as figuras 10, 11 e 12.

Figura 10: O espelho da aluna J



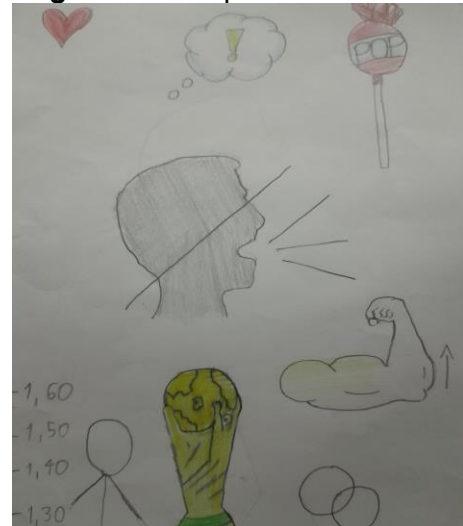
Fonte: Desenho elaborado pela aluna J

Figura 11: Respostas do aluno K



Fonte: Desenho elaborado pelo aluno K

Figura 12: Respostas do aluno L



Fonte: Desenho elaborado pelo aluno L

Por fim, a atividade promoveu ainda a superação da timidez por parte de alguns alunos, principalmente porque muitos não têm facilidade em interagir com os colegas,

essa característica já foi atestada também pela literatura como o estudo de Freitas et. al (2018) que observou a timidez mais presente entre alunas da escola privada quando comparadas com alunos da escola pública. Desse modo, o uso do desenho cumpriu o papel de facilitador da comunicação já observado na literatura consultada e evocada neste trabalho.

6 Considerações finais

Para construção e levantamento teórico deste trabalho enfrentou-se uma certa dificuldade na localização de trabalhos que se dediquem ao estudo ou a prática do desenho com adolescentes e jovens, tendo, a maioria dos artigos sobre esta temática explorado apenas o desenvolvimento do desenho da criança, algo que Assarian (2023) também observou em seus estudos. Isso permite inferir que parte dos pesquisadores deste campo não expõem o potencial também existente da arte como forma de comunicação e expressão a ser explorada nas mais diferentes fases da vida. Isso evidencia a necessidade de mais estudos dedicados não somente ao uso do desenho como ferramenta pedagógica, mas a prática docente de ouvir e escutar os educandos e que isso seja feito não só pelo professor, mas pelos educadores envolvidos em todo o processo de ensino-aprendizagem.

Somado a isto, esta proposta logrou resultados alinhados ao seu objetivo, haja vista que a produção dos desenhos pelo público alvo e o diálogo em sala de aula durante a execução da atividade culminaram na troca e no diálogo entre os colegas, implicando na construção de habilidades de socialização e fortalecimento de vínculos entre os participantes, incluindo o professor ministrante, traduzindo-se portanto, no desenvolvimento das competências socioemocionais.

Não obstante, serviu ainda para que o professor tomasse conhecimento sobre o que motiva seus alunos na vida e quais são as dificuldades enfrentadas, o que implica diretamente nas ações de planejamento e escolha das atividades a serem propostas em sala de aula considerando as peculiaridades observadas em cada aluno.

Desta feita, reforça-se a necessidade da elaboração e execução de atividades deste cunho, colocando o professor na posição de ouvinte e dando oportunidade aos

alunos de se expressarem, incluindo aqueles que, por timidez, guardam para si suas dores e aflições muitas vezes sem apoio da família ou condições financeiras para acompanhamento profissional.

Para tanto, faz-se necessário que o professor possua um olhar crítico e apurado, o que demanda estudo e leitura, algo que se distancie desse viés torna a atividade apenas mais um exercício em sala, sem contribuição para a prática pedagógica.

Referências

- ANTUNES C.; SOUSA, M.C.; CARVALHO, A.; COSTA, M.; RAIMUNDO, F.; LEMOS, E.; CARDOSO, F.; GOMES, F.; ALHAIS, D.; ROCHA, A.; ANDRADE, A. Auto-estima e comportamentos de saúde e de risco no adolescente: efeitos diferenciais em alunos do 7º ao 10º ano. **Psicologia, Saúde e Doenças**, v. 7, n. 1, p. 117-123, 2006. Disponível em: <https://scielo.pt/pdf/psd/v7n1/v7n1a10.pdf>.
- ASSARIAN, G. **Autorreflexão na escola: o desenho como prática motivadora e investigativa na adolescência**. Trabalho de Conclusão de Curso, (Curso de Graduação em Artes Visuais). UFRGS. Porto Alegre, 2023. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/267747>.
- CORREIA, K. S. L.; PINTO, M. A. M. Stress, coping e adaptação na transição para o segundo ciclo de escolaridade: efeitos de um programa de intervenção. **Aletheia**, n. 27, p. 7-22. 2008.
- COSTA, V. S. **Experiências com desenho entre adolescentes em uma escola estadual da zona sul de São Paulo**. Trabalho de Conclusão de Curso, (Curso de Graduação em Artes Visuais). UNESP. São Paulo, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/217422>
- FUKUDA, C. C.; GARCIA, K. A.; AMPARO, D. M. Concepções de saúde mental a partir da análise do desenho de adolescentes. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 17, p. 207-214, 2012.
- G. M. DE FREITAS, M., WEIDMANN, A. C., P. DE MÔNICO, B., & H. RIBEIRO-ANDRADE, ÉRICA. (2018). UM OLHAR SOBRE A TIMIDEZ NA ADOLESCÊNCIA. **Humanas Sociais & Aplicadas**, 8(22). Disponível em: <https://doi.org/10.25242/887682220181663>.
- MELLO, T.; RUBIO, J. D. A. S. A importância da afetividade na relação professor/aluno no processo de ensino/aprendizagem na educação infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 4, n. 1, p. 1-11, 2013. Disponível em: <https://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v4-n1-2013/Tagides.pdf>.

MARCELINO, M. Q. S.; CATÃO, M. F. F. M.; LIMA, C. M. P. Representações sociais do projeto de vida entre adolescentes no ensino médio. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 29, p. 544-557, 2009. Disponível: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932009000300009>.

MONTEZI, A. V. *et al.* Imaginário coletivo de professores sobre o adolescente contemporâneo. **Psicologia em Estudo**, v. 16, p. 299-305, 2011. DOI: 10.1590/s1413-73722011000200013.

MORO, G. H. M. Emoticons, emojis e ícones como modelo de comunicação e linguagem: relações culturais e tecnológicas. **Revista De Estudos Da Comunicação**, 17(43). 2016. <https://doi.org/10.7213/rec.v17i43.22552>.

NASCIMENTO, A. R. D.; AQUINO, F. S. B. Atuação da/o psicóloga/o escolar em espaços coletivos: um levantamento da literatura. **Perspectiva**, 43(4), 1-23. 2025. DOI:10.5007/2175-795X.2025.e101021.

NASCIMENTO, I. P. Projeto de vida de adolescentes do ensino médio: um estudo psicossocial sobre suas representações. **Imaginário**, v. 12, n. 12, p. 55-80, 2006. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-666X2006000100004.

PAULA, A. P.; PRACI, F. C.; SANTOS, G. G.; PEREIRA, S. J.; STIVAL, M. C. E. E. Transição do 5º para o 6º ano no ensino fundamental: processo educacional de reflexão e debate. **Revista Ensaios Pedagógicos**, v. 8, n. 1, p. 33-52, 2018. Disponível em: <https://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/v8/v8-artigo-3-TRANSICAO-DO-5-PARA-O-6-ANO-NO-ENSINO-FUNDAMENTAL.pdf>.

REIS, L. M. S.; NOGUEIRA, M. O. Transição para o ensino fundamental II: o que dizem as pesquisas brasileiras. **Linhas Críticas**, v. 27, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/lc27202137594>.

RIBEIRO, D. B.; COSTA, L. P.; PAULA, M. R. Por que é importante ouvir os alunos. **SIMPÓSIO PEDAGÓGICO E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO**, v. 9. 2014. Disponível em: <https://www.aedb.br/wp-content/uploads/2015/05/48321592.pdf>

ROCHA, N. S.; SALES, A. F. C. Autoestima e suas implicações na saúde mental de adolescentes. Faculdade Ciências da Vida. 2020. Disponível em: https://faculdadecienciasdavidacom.br/sig/www/opedged/ensinoBibliotecaVirtual/000184_624c5f91948d5_048594_60142453df648_TCC_AUTOESTIMA_E_SUAS_IMPLICACOES_NA_SAUDE_MENTAL_DE_ADOLESCENTES.pdf.

SANTOS, F. C.; RODRIGUES, D. S.; A evolução do desenho infantil. **Revista Inovação e Sociedade**. Uniporá, 2024. Disponível em:
<https://repositorio.unipora.edu.br/index.php/ped/catalog/book/194>.

SARMENTO, M. J. “Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas”, in A.J. Martins Filho & P.D. Prado (orgs), *Das Pesquisas com Crianças à Complexidade da Infância*. Campinas, Autores Associados; pp.: 27-60. 2011. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1822/79684>.

SILVA, A. L. P. **As inteligências múltiplas e mudanças no desenho de adolescentes na Escola Estadual de Paulista (PE)**. 2013. 162 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - UFPB. João Pessoa, 2013. Disponível em:
<repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/3889/1/arquivototal.pdf>.

SILVA, J. A. L.; BUENO, H. P. V. O desenho infantil como um canal de comunicação entre a criança e o seu mundo exterior: Análise dos desenhos dos alunos de uma escola estadual de Aquidauana, MS, Brasil. **Revista Diálogos Interdisciplinares**, v. 1, n. 5, p. 138-151. 2018. Disponível em:
<https://periodicos.ufms.br/index.php/deaint/article/view/7358>.

SILVA, M. M. Crítica à formação de competências socioemocionais na escola. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 22, n. 00, p. e022013. 2022.
DOI:10.20396/rho.v22i00.8659871.

TAVARES, Jéssica. Adaptação e conduta do 6º ano do ensino fundamental: reflexões sobre os papéis do aluno, professor, escola e família. IFES. 2024. Disponível em:
<https://repositorio.ifes.edu.br/handle/123456789/6183>.

TRÁVEZ-CANDO, Angely; CANDO, F. Entorno familiar, educativo y social: determinantes en la autoestima del adolescente. 2024. Disponível em:
https://www.researchgate.net/profile/Fabiola-Cando-Guanoluisa/publication/378207232_Entorno_familiar_educativo_y_social_determinantes_en_la_autoestima_del_adolescente/links/65ccfbfb1e1ec12eff9be255/Entorno-familiar-educativo-y-social-determinantes-en-la-autoestima-del-adolescente.pdf.

NOTA - O autor foi responsável pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final publicada.

Submitted on: 28/12/2025

Accepted on: 12/02/2026

Published on: 27/03/2026